

## A COMPREENSÃO DA CRIANÇA DE 6 A 7 ANOS SOBRE A MORTE

Sarah Moreira Meireles<sup>1</sup>  
Ana Emilia Rosa Campos<sup>2</sup>

**Resumo:** *Quando se associam os termos morte e criança, essa relação parece contraditória, favorecendo assim atitudes inadequadas dos adultos com as crianças que vivenciam situações relacionadas à morte. **Objeto de Estudo:** A compreensão da criança de 6 a 7 anos sobre a morte. **Objetivo Geral:** Perceber como as crianças compreendem a morte, através da sua verbalização. **Metodologia:** Pesquisa descritiva, com abordagem qualitativa, realizada numa instituição educacional da rede pública da cidade de Salvador, durante março e abril/2007; os sujeitos da pesquisa foram crianças de 6 a 7 anos, utilizando-se uma entrevista semi-estruturada. **Resultados:** O estudo revelou que há uma estreita relação entre o desenvolvimento cognitivo e os conceitos da morte, e que nem todas as crianças nesta faixa etária conceituam a morte como um acontecimento irreversível. **Conclusão:** Ao aproximar-se de uma criança que vivencie ou irá vivenciar experiências de morte, torna-se imprescindível uma abordagem com respeito ao desenvolvimento cognitivo, onde não se deve negar ou esconder os fatos relacionados à morte.*

**Palavras-chave:** Criança; Morte; Irreversibilidade; Não-funcionalidade; Universalidade.

### INTRODUÇÃO

A discussão da temática da vida e da morte tem sido algo presente nos questionamentos da sociedade há algum tempo, por se tratar de um assunto instigante e que permeia os mais diversos setores da vida humana, incluindo-se aí a educação, saúde e religião.

O ser humano está sendo condicionado a não aceitar a morte como um acontecimento natural da vida, afastando assim a morte do dia-a-dia familiar, e às crianças, seres participantes desse núcleo, tem sido negado como forma de proteção o direito de participar desse processo.

No primeiro instante que se associam os termos morte e criança, tais palavras parecem contraditórias, como se a morte não se ocupasse da vida na infância. Essa visão errônea favorece atitudes inadequadas dos adultos com as crianças que vivenciam situações relacionadas à morte, tais como, evitar falar do assunto, minimizar seu próprio sofrimento para poupar a criança, utilizar-se de eufemismo que confundem ainda mais, e até mesmo, criarem mentiras que substituam a situação que envolve a morte. (VENDRUSCULO 2005)

Teixeira (2003) adverte que é enganoso pensar que uma criança não é capaz de entender o que acontece com aqueles que morrem, pois ela vai constituindo seu conceito de morte juntamente com o desenvolvimento cognitivo.

Speece e Brent (1996 apud Nunes et al., 1998), ao revisarem pesquisas sobre a conceituação da morte pelas crianças, identificaram três componentes básicos, que são eles: irreversibilidade, não-funcionalidade e universalidade.

Vendrusculo (2005) conceitua esses componentes da seguinte forma: a irreversibilidade é a impossibilidade de retorno ao estado anterior à morte, a não-funcionalidade é caracterizada

---

<sup>1</sup> Aluna de Graduação em Enfermagem da Universidade Católica do Salvador. [sarahmeireles@hotmail.com](mailto:sarahmeireles@hotmail.com).

<sup>2</sup> Orientadora e professora Mestre da Universidade Católica do Salvador - UCSal.

pela compreensão de que as funções definidoras da vida cessam com a morte, e a universalidade significa que tudo que está vivo morre.

Nunes et al. (1998) advertem que, para as crianças entenderem a irreversibilidade da morte elas precisam estar no estágio operatório concreto, pois precisam desta lógica para lidar com a ideia da morte como permanente e irreversível. Ainda segundo os mesmos autores, os conceitos de não-funcionalidade e universalidade são essenciais para o desenvolvimento do conceito de morte.

A presente pesquisa teve como objeto de estudo a compreensão das crianças de 6 a 7 anos sobre a morte, para tanto as crianças foram entrevistadas dando sua visão sobre a morte. O estudo teve como objetivo geral, perceber como as crianças compreendem a morte, através da sua verbalização, e como objetivos específicos foram traçados: identificar presença ou ausência dos conceitos de irreversibilidade, não-funcionalidade, universalidade, levantar se para as crianças, a morte é um acontecimento que dói ou não e ainda alegre ou triste, levantar experiências sobre morte nas verbalizações da criança, saber se as crianças identificam o que acontece quando se morre, saber se as crianças já presenciaram alguém morto.

Este estudo justifica-se diante das inquietações e escassez de estudos que esclareçam o processo de morte e morrer para a criança, e ainda pela importância de se introduzir discussões sobre a morte, para que esta seja mais bem entendida como parte integrante da vida. A pesquisa consolidou uma produção científica que servirá de consulta para profissionais que lidam diretamente com crianças, a fim de entenderem o conceito de morte nas crianças.

A pesquisa aponta que sejam repensadas as abordagens feitas a crianças que estão vivenciando o processo de morte, de pessoas próximas ou de si mesmo, oferecendo assim um atendimento integral ao paciente pediátrico. Além disso, o estudo também serviu como produção de conhecimento científico pessoal e para a comunidade acadêmica da Universidade Católica do Salvador, e também como um pré-requisito para o grau de bacharel em Enfermagem.

## **1. CAMINHAR METODOLÓGICO**

Para alcançar os objetivos desta pesquisa, utilizou-se um estudo do tipo qualitativo, que segundo Minayo (2004), preocupa-se com um nível de realidade, que não pode ser quantificado. Esse tipo de metodologia trabalha com significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e fenômenos que não podem ser reduzidos em operações de variáveis.

A pesquisa foi realizada numa instituição educacional da rede pública, que atende crianças de 02 a 12 anos, de uma comunidade carente na cidade de Salvador. A população estudada foi constituída por 08 crianças, que eram a totalidade de uma sala de alunos na faixa etária de 6 a 7 anos. Os critérios de inclusão foram definidos previamente, considerando-se os sujeitos que estivessem nesta faixa etária e que aceitassem participar da pesquisa.

Para instrumento da coleta de dados, foi utilizada uma entrevista semi-estruturada elaborada por Nunes et al., (1998), onde foi perguntado o que é a morte, como se sabe se uma planta/ animal/pessoa está morta, se a morte é um acontecimento alegre ou triste, se dói ou não morrer, se já viu uma pessoa morta e o que acontece quando se morre.

Os dados foram coletados no mês de março do ano de 2007, após a autorização da instituição, com a assinatura do termo de consentimento pelo representante da mesma. Durante o período de três dias a pesquisadora participou de várias atividades, com o objetivo de familiarizar-se com as crianças. Após esse período, foi realizada a entrevista com cada um

separadamente, tomando o cuidado de não interferir nas atividades regulares. As entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra pela pesquisadora.

Os resultados foram categorizados de acordo com similaridade das respostas, utilizando a técnica de análise de discurso, em que foi considerada a visão da criança de 6 a 7 anos sobre a morte através da sua verbalização, considerando presença ou ausência dos conceitos de irreversibilidade, não-funcionalidade, universalidade, tendo sido estabelecida uma comparação e discussão entre os resultados obtidos com a literatura pesquisada. Foram estabelecidas categorias baseadas nas respostas comuns dos sujeitos, e que melhor representassem as falas das crianças.

## 2. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os sujeitos da pesquisa foram 08 crianças, sendo 07 com 06 anos e 01 com 07 anos, identificadas com a letra inicial dos seus nomes, visando preservar sua identidade.

O material apresentado a seguir é constituído da análise extraída dos conteúdos das entrevistas realizadas, de onde emergiram as categorias.

Quando questionadas sobre o que é a morte, as falas das crianças apontam para o seu conceito e ainda para a irreversibilidade da mesma. Para tanto foi estabelecida a seguinte categoria:

### 2.1 A morte e a criança

Para mais de uma criança a morte é um acontecimento irreversível, o que significa que quem morre não poderá voltar, o que pode ser observado nas falas de E e K:

*“Ficar no céu e nunca mais voltar para terra” (E, 06 anos).*

*“Botar no caixão, enterrar” (K 06 anos).*

Estes resultados assemelham-se aos de Speece e Brent (1984 apud Nunes et al, 1998), onde os autores conceituam a irreversibilidade como o entendimento de que uma coisa com vida, quando morre, não pode voltar a viver e está relacionado também, à idéia da morte como algo final, irrevogável e permanente.

Segundo Nunes et al. (1998), as crianças só entendem a irreversibilidade da morte no estágio operatório concreto, afinal precisam desta lógica para lidar com a idéia da morte como permanente e irreversível. Embora todos os sujeitos estejam nas mesmas faixas etárias, alguns ainda não conceituam a morte como um acontecimento irreversível.

Quando interrogadas se a morte é um acontecimento alegre ou triste, emergiu a seguinte categoria:

### 2.2 Morte e tristeza

Todos os entrevistados são unânimes em afirmar que a morte é um acontecimento triste, embora justifiquem essa emoção com motivos diferentes.

*“Triste, e não pode acontecer, só quando se está velho, porque tem que crescer reproduzir e envelhecer” (G 06 anos).*

*“Triste por que a gente sente saudade...” (A 06 anos).*

*“Triste, todo mundo chora” (E, 06 anos).*

Segundo Vendrusculo (2005), a maneira como a criança organiza e expressa a compreensão de seus sentimentos está relacionada ao seu desenvolvimento afetivo e cognitivo.

Estes sentimentos relatados também aparecem nos estudos de Oliveira (2000), onde ele afirma que é importante que a criança encontre abertura e disponibilidade para conversar sobre o morto, falar e expor sua tristeza, dividir sua dor com relação à saudade, pois normalmente ela encontra um adulto que, com dificuldade de lidar com sua própria dor, esconde-a, muda de assunto, dificultando ou impossibilitando a expressão da criança.

A tristeza sentida pela criança também é sinalizada por Carrasquila (2006), que ressalta que os adultos devem aceitar e compreender que as crianças se entristecem, o que ajudará a criança a manifestar-se de uma forma que possa liberar sua angústia e dor de forma positiva. Segundo o autor, isso pode ser muito difícil para os adultos que estão próximos a elas e partilham os mesmos sentimentos e têm dificuldade para resolver seus próprios problemas.

Foi perguntado às crianças se dói morrer e todas foram unânimes afirmando que dói sim.

### **2.3 A dor da morte**

Todas as crianças afirmam que dói morrer e atribuem a dor à pessoa que morre; não houve relação da dor com o processo de perda, como se constatou nos discursos abaixo.

*“Dói, sente dor em tudo, no coração na cabeça” (G 06 anos).*

*“Sim, porque quem morre chora” (I, 06 anos).*

Okada et al. (2001), diz que as crianças de 5 a 7 anos que estão no período operacional concreto, conceituam a dor como entidade física, nessa fase também desenvolvem a consciência que a dor sinaliza perigo e possibilidade de morte. O choro também é visto pela criança como um indicativo de dor, ou como um sinal que algo não vai bem.

No estudo de Souza (2007), a autora diz que o conceito de dor é algo que vai sendo construído a partir de suas vivências pessoais e principalmente sociais.

A quarta pergunta dizia respeito como a criança sabe que uma planta, um bicho e uma pessoa está morta.

### **2.4 Conhecimento da morte nas plantas**

As crianças associam as modificações físicas (murcha, caída) como indicativo da morte nas plantas, e quase todas atribuem à falta de cuidado como causador da morte, alguns até acreditam que retomando os cuidados as plantas voltam a viver, não ficando claros os conceitos de irreversibilidade, não-funcionalidade e universalidade.

*“Fica toda murcha” (R, 07 anos).*

*“Fica caída no chão” (E, 06 anos).*

Os resultados encontrados assemelham-se aos de Teixeira (2003), que aposta que as crianças distinguem entre seres inanimados e animados, mas não dão respostas lógico-categoriais de causalidade da morte. Elas buscam aspectos perceptíveis, como a imobilidade para defini-la.

Ainda nesta categoria, chama atenção a fala de F.

*“... dá água ela volta a viver” (F, 06 anos).*

Para F o conceito de irreversibilidade não está claro, pois o mesmo acredita que a planta pode voltar a viver, e que este fato depende do cuidado prestado às plantas.

Almeida (2005) acrescenta sobre este ponto que para algumas crianças, antes de entender a morte como irreversível, ela a considera como temporária, de forma que as coisas mortas podem retornar à vida após comerem, beberem ou tomarem algum medicamento.

Já quando questionados como sabiam que um animal está morto, se elaborou a seguinte categoria:

## 2.5 Conhecimento da morte em animais

Algumas crianças demonstraram ter o conceito de não-funcionalidade, ou seja, compreendem que com a morte as funções vitais cessam, como se vê nas falas abaixo:

*“Pego vejo se está respirando, eu coloco o dedo no nariz se sair vento, tá vivo, se não tá morto.” (G 06 anos).*

*“Fica deitado, sem se mexer, se ficasse em pé estava vivo” (K, 06 anos).*

*“Sem se mexer e sem respirar, fica parado”. (R, 07 anos)*

Vendrusculo (2005) afirma que a não-funcionalidade é a compreensão de que todas as funções definidoras da vida cessam com a morte, o que se pode observar nas falas de G, K e R que percebem a morte como fim das funções vitais.

Quando questionadas como sabiam que uma pessoa estava morta, emergiu a categoria:

## 2.6 Conhecimento da morte nas pessoas

Na identificação das pessoas mortas, todas as crianças caracterizam a morte com a imobilidade, demonstrando que, também nesses casos, relacionam o conceito da não-funcionalidade (deitado, imóvel); uma das crianças atribui a morte a um agente externo, como observamos:

*“Tomou um tiro e fica deitado sem se bulir” (K 06 anos)*

Bromeg (1999) revela que a necessidade da conceituação da morte pela criança dá-se a partir do momento que ela absorva aspectos de universalidade, ou seja, todos vão morrer. Também há a irreversibilidade, quando o sujeito já entende que quem morre não "desmorre". O autor ainda chama atenção, que a criança tem exemplos nos desenhos animados ou jogos virtuais e nesses seus heróis têm muitas vidas. É importante dizer à criança que o jogo é legal, mas não é real.

Nas três situações de morte, das plantas, animal e pessoa os resultados apontam para caminhos diferentes.

No caso das plantas, não ficam claro os conceitos de irreversibilidade, não-funcionalidade e universalidade. Em relação aos animais, as crianças demonstram ter o conceito de não-funcionalidade. No caso das pessoas, assim como no caso dos animais, eles utilizam o conceito de não - funcionalidade para identificar a pessoa morta.

Quando questionados sobre o que acontece quando se morre se estabeleceu a categoria:

## 2.7 A morte como um acontecimento irreversível

Fica claro que as crianças entrevistadas conceituam a morte como irreversível, atitude adequada ao período operacional concreto que elas se encontram, isto pode se constatar nas falas abaixo:

*“Enterra a pessoa e joga um monte de terra em cima, não há quem seja capaz de tirar aquela terra de cima, o corpo fica lá e a alma vai para o céu, e nunca mais volta...”* (G, 06).

*“Enterra, vai para o céu e nunca mais volta”* (E, 06 anos).

*“Bota no caixão, o corpo no chão e a alma no céu, quem morre não volta”.* (I 06 anos).

*“Vai para o céu, a alma vive, rezando para vê se volta, mas mesmo assim não volta”* (F, 06 anos).

*“Enterra no caixão e ruma um bocado de flor em cima e nunca mais vê a pessoa”*  
(K, 06 anos)

As falas das crianças dizem que mesmo tentando voltar a pessoa não volta, ou quem morre não desmorre.

Para Vendrusculo (2005) a noção de irreversibilidade começa a se instalar, bem como a concepção de que não pode ser evitada, ainda há nesse período muita associação ao sono, à perda de consciência. Há um grande medo frente à separação, à obscuridade e ao vazio. Apesar de este ser um período de transição cognitiva, a criança já é capaz de perceber a morte como irreversível.

Quando perguntadas se já haviam presenciado alguém morto surgiu a categoria:

## 2.8 Experiências com a morte

Das 8 crianças entrevistadas 06 crianças relataram já terem visto uma pessoa morta, as 2 restantes, apesar de nunca terem vivenciado de perto essa experiência, tiveram contato através da televisão, como se pode vê nos discursos abaixo:

*“... já, minha vó”* (I, 06 anos).

*“... sim, vi meu primo”* (F, 06 anos).

*“... já quando eu era pequeno, a mãe da minha mãe”* (G, 06 anos).

Embora a literatura aponte que as crianças são afastadas da morte, neste estudo, os resultados são outros, onde de 8 crianças, 6 já presenciaram alguém morto.

Nas falas acima se observa que as crianças já presenciaram mortes de parentes, o que, de acordo com Kübler-Ross (2004), facilita a relação que as mesmas terão com a morte; segundo essa mesma autora, as crianças reagem à morte dependendo de como foram criadas antes do momento desta perda. Se os pais não têm medo da morte, se não pouparam os filhos das situações de perdas significativas, como por exemplo, a morte de um bichinho de estimação ou a morte de uma avó, com certeza não ocorrerá problema com a criança.

Ainda sobre este ponto, Teixeira (2003) adverte que os pais e outros adultos não devem excluir as crianças da experiência de perda como forma de poupá-las. Tal atitude poderá bloquear o processo de luto.

Dallari (2007) sugere então, que ao falecer uma pessoa querida é importante que a notícia seja dada por alguém bastante próximo. A linguagem deve ser simples e direta, devem-se evitar metáforas como “dormiu para sempre”, “virou uma estrela” ou “viajou para a Lua”; segundo a autora, as crianças vivem no mundo da fantasia e essas explicações abrem espaço para que acreditem que a morte tem volta.

Na verdade esse mecanismo de defesa dificulta a elaboração de seu luto. Falar da morte não significa criar a dor, nem tão pouco aumentá-la; ao contrário, na verdade alivia a criança e a ajuda a elaborar suas perdas. (BALDINI E KREBS 1999)

Essa visão assemelha-se com o que Bromberg (1999) relata, que às vezes, por medo ou por não saber o que dizer, o adulto acaba se calando, isso ocorre porque ele pode estar enlutado também. Se há uma perda na família, a criança tem que ser comunicada. Para o adulto fragilizado, falar é difícil. Na percepção global, morte é uma coisa não-cotidiana, e o adulto tende a achar que não é assunto de criança.

### **3. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente estudo possibilitou conhecer a compreensão das crianças de 6 e 7 anos sobre a morte. Estes sujeitos são alunos de uma instituição pública que atende a uma comunidade carente da cidade do Salvador, com idades de 2 a 12 anos.

A partir dos resultados foi possível estabelecer que o estágio cognitivo que a criança se encontra está diretamente ligado com o conceito de irreversibilidade, não-funcionalidade e universalidade, que são os indicadores do desenvolvimento do conceito de morte. Conhecer a estrutura do pensamento infantil é fundamental para saber a forma mais adequada de falar com as crianças sobre a morte.

Conhecer a estrutura do pensamento infantil é fundamental para saber a forma mais adequada de falar com as crianças sobre a morte. O que merece destaque nesse sentido é que, por estarem em processo de transição cognitiva, nem todas as crianças entendem a morte como um processo irreversível, porém, estão presentes na maioria dos casos os conceitos de não - funcionalidade para conceituar a morte que pode ser perfeitamente compreendido considerando-se o grau de abstração exigido pelos conceitos.

Não foi possível notar nos sujeitos desta pesquisa o conceito de universalidade, ou seja, para essas crianças a morte é um acontecimento isolado que só acontece com algumas pessoas. Para aprofundar mais essa questão são indicadas novas pesquisas com amostras maiores.

As crianças não atribuíram a dor ao processo de perda e enlutamento, para elas, a dor ainda é vista como uma entidade física, isso pode ser explicado por conta de que para as crianças a morte está relacionada a um agente externo e agressor. Não foram encontrados estudos que

abordassem com maior clareza porque as crianças atribuem a dor a quem morre; seria pertinente mais pesquisas nessa área.

Para os sujeitos estudados a morte é um acontecimento triste, onde cada um justifica essa tristeza por motivos diferentes. A maneira que a criança expressa suas emoções está relacionada com seu desenvolvimento cognitivo e também afetivo o que demonstra a importância de proporcionar espaço onde a criança possa falar das suas emoções, ajudando a superar seus medos e a liberar suas angústias. Educar para a morte é necessário, sendo um desafio urgente para os profissionais de saúde e educação, possibilitando assim um desenvolvimento mais integral às crianças.

Constatou-se que as crianças que vivenciaram mais de perto a morte falam dela com naturalidade, sem demonstrar medo ou pesar, comprovando o que outros estudos apontam, em relação à importância de permitir que as crianças participem desse processo. Apesar deste não ter sido o foco da pesquisa, observou-se na verbalização das crianças que as crenças dos pais influenciam também nesse processo de conceituação de morte. Estudos posteriores relacionando a vivência cultural à conceituação da morte seriam bastante enriquecedores.

Contudo é importante que se tenha atenção para a maneira que se comunica com a criança, não se devem usar eufemismos, porque isso pode confundir a criança. À permanência da criança na casa onde ocorreu uma morte e a permissão de participarem das discussões sobre o assunto, faz com que elas não se sintam sozinhas na dor, dando-lhe a oportunidade de compartilhar o seu luto, ainda para ela, isso prepara gradualmente a criança, para que encare a morte como parte da vida, sendo uma experiência de crescimento e amadurecimento.

Sobre o que acontece depois que se morre, alguns sujeitos demonstraram saber que a morte é um acontecimento irreversível, o que mostra essa irreversibilidade é o fato dela relatar que quando a pessoa morre, não volta mais. Embora a diferença de idade entre as crianças seja pequena, as crianças mais velhas apresentaram neste estudo um conceito de morte mais desenvolvido, este fato comprova que a idade e o desenvolvimento cognitivo estão inteiramente interligados.

A partir do que foi exposto ao se aproximar de uma criança que vivencie ou irá vivenciar experiências de morte, se torna imprescindível uma abordagem com respeito ao desenvolvimento cognitivo, onde não se deve negar ou esconder os fatos relacionados à morte, porque falar da morte não significa criar a dor, nem tão pouco aumentá-la; ao contrário, na verdade alivia a criança e a ajuda a elaborar suas perdas.

Após esta pesquisa, fica a proposta da ampliação dos espaços para se educar sobre a morte, fundamentada pela importância da discussão do tema numa sociedade na qual a morte é interdita, e buscar ainda a humanização da morte e o morrer como parte do cotidiano das pessoas.

Como reflexão para todos que lidam com crianças, fica a necessidade de se encarar em vida a questão da morte, pois as crianças diante da morte irão reagir segundo vivências do mundo dos adultos.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, F.A. **Lidando com a morte e o luto por meio do brincar: A criança com câncer no hospital.** Boletim de Psicologia, 2005, vol. Lv, nº 123. Disponível em: <<http://www.google.com.br>>. Acesso em: 26 de março de 2007.



BALDINI, S. M; KREBS, V. L. J. **A criança hospitalizada.** Instituto da Criança Professor Pedro de Alcântara. São Paulo, 1999. Disponível em: <[http:// www.google.com.br](http://www.google.com.br)>. Acesso em: 5 de ago. de 2006.

BROMBERG, M.H. **Morte não é castigo.** Revista Istoé. Nº 1541 São Paulo, 1999. Disponível em: <<http://www.istoe.com.br>. >. Acesso em: 04 de maio de 2007.

CARRASQUILLA, J. M. **Unidade de Atenção à Dor da Funerária San Vicente.** Revista Memorial.Colômbia,2006 Disponível em:<<http://www.funerariaonline.com.br>>. Acesso em: 04 de maio de 2007.

DALLARI, M. **Quando alguém que a gente ama morre.** Revista Pais e Filhos na internet. São Paulo,2007.Disponível em:<<http://www.revistapaisefilhos.terra.com.br>>. Acesso em: 27 de março de 2007.

KUBLER – ROSS, E. **Sobre a morte e o morrer.** 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

KUBLER – ROSS, E; E KESSLER, D. **Os Segredos da Vida.** 4. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.

MINAYO, M.C.S. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade.** 23 ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

NUNES, D. C. et al. **As crianças e o conceito de morte.** Psicol. Reflex. Crit. Porto Alegre, v. 11, n. 3, 1998. Disponível em: <[http:// www.google.com.br](http://www.google.com.br)>. Acesso em: 6 de set. de 2006.

OKADA, M. et al. **Dor em pediatria.** Rev. Med., v.80, (ed.esp.pt.1), 2001. Disponível em: <[http:// www.google.com.br](http://www.google.com.br)>. Acesso em: 5 de abril de 2007.

SOUZA, C.M. M. **Mordendo para conhecer.** Psicopedagogia On Line. São Paulo, 2003. Disponível em: <<http://www.psicopedagogia.com.br>>. Acesso em: 5 de março 2007.

TEIXEIRA, C. M. F. S. **A criança diante da morte.** Revista da UFG, Vol. 5, n. 2, 2003. Disponível em: <[http:// www.google.com.br](http://www.google.com.br)>. Acesso em: 5 de ago. de 2006.

VENDRUSCOLO, J. **Visão da Criança sobre a Morte.** Simpósio: Morte: Valores E Dimensões. UNAERP, Riberão Preto, 2005. Disponível em: <[http:// www.google.com.br](http://www.google.com.br)>. Acesso em: 14 de jul. de 2006.

## APÊNDICE A

Formulário

Iniciais do (a) entrevistado (a): \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_

1. O que é a morte?

---

---

2. A morte é um acontecimento alegre ou triste?

---

---

3. Dói morrer?

---

---

4. Como você sabe que uma planta está morta?

---

---

5. E um bichinho como sabe?

---

---

6. E uma pessoa?

---

---

7. Você já viu alguma pessoa morta? Quem?

---

---

8. O que acontece depois que se morre?

---

---